

GEORGE R. R.
MARTIN



O DRAGÃO
DE GELO

LeYa



GEORGE R.R.
MARTIN



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.org](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."





Copyright © George R. R. Martin 1980

Copyright ilustrações © Luis Royo 2014

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa © Texto Editores Ltda., 2014

Título original: *The Ice Dragon*

Preparação de texto: Mariana Casetto

Revisão: Marília Courbassier Paris

Projeto gráfico e Capa: Retina 78

Ilustrações: Luis Royo

Conversão eBook: Hondana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Martin, George R. R.

O Dragão de Gelo / George R.R. Martin; ilustrações de Luis Royo ; tradução de Gabriel Oliva Brum. – São Paulo : LeYa, 2014.
128 p. il.

ISBN 9788544100912

Título original: *The Ice Dragon*

1. Ficção fantástica americana 2. Literatura infanto-juvenil. I. Martin, George R. R. II. Royo, Luis III. Brum, Gabriel Oliva

14-0700

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção fantástica americana

2014

Texto Editores Ltda.

[Uma editora do Grupo LeYa]

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP

www.leya.com.br



GEORGE R.R.
MARTIN

O DRAGÃO
DE GELO

Tradução
GABRIEL
OLIVA BRUM



PARA PHIPPS,

que pensou primeiro nisso,

com todo o meu amor.



Índice

Capa

CAPÍTULO UM : CRIANÇA DO INVERNO

CAPÍTULO DOIS : SEGREDOS NA NEVE

CAPÍTULO TRÊS : O FRIO CRESCENTE

CAPÍTULO QUATRO : FOGO NO NORTE

CAPÍTULO CINCO : CINZAS

CAPÍTULO SEIS : FUGINDO DO FOGO

CAPÍTULO SETE : FÚRIA FRIA

CAPÍTULO OITO : PRIMAVERA



GEORGE R.R.
MARTIN

CAPÍTULO UM

CRIANÇA
DO INVERNO



ADARA gostava do inverno mais do que tudo, pois quando o mundo esfriava, o dragão de gelo aparecia.

Ela nunca teve muita certeza se era o frio que trazia o dragão de gelo ou o dragão de gelo que trazia o frio.



Esse era o tipo de pergunta que costumava atormentar seu irmão Geoff, que era dois anos mais velho que ela e de uma curiosidade insaciável. Mas Adara não se importava com tais coisas. Desde que o frio, a neve e o dragão de gelo chegassem no tempo certo, ela ficava feliz.

Sabia sempre quando estavam para chegar por causa do seu aniversário. Adara era uma criança do inverno, nascida durante o frio mais intenso de que alguém podia se lembrar, até mesmo a Velha Laura, que vivia na fazenda vizinha e lembrava-se de coisas que haviam acontecido antes de que qualquer outra pessoa tivesse nascido. As pessoas ainda falavam sobre aquele frio. Adara as ouvia frequentemente.

Também falavam sobre outras coisas. Diziam que fora a intensidade daquele frio terrível que matara a sua mãe, entrando sorrateiramente durante a longa noite de trabalho de parto, passando pela grande fogueira que o pai de Adara acendera e esgueirando-se por baixo dos cobertores que cobriam o leito de nascimento. Diziam também que o frio havia entrado em Adara no útero, que sua pele era azul-clara e gelada ao toque quando nasceu e que jamais havia se aquecido após todos esses anos. O inverno a tocara, deixara nela sua marca e tomara a garota para si.



É verdade que Adara sempre foi uma criança diferente. Era uma garotinha muito séria que raramente se interessava em brincar com as outras crianças. As pessoas diziam que ela era bonita, mas de um jeito estranho e distante, com sua pele clara, cabelo loiro e grandes olhos azul-claros. Ela sorria, mas não com frequência. Ninguém, jamais, a vira chorar. Certa vez, quando tinha cinco anos, ela pisara em um prego enfiado em uma tábua escondida sob um monte de neve, e o prego atravessara o seu pé, mas mesmo assim Adara não chorou nem gritou. A garota soltou o pé e voltou caminhando para casa, deixando um rastro de sangue na neve, e, ao chegar lá, disse apenas:

— Pai, me machuquei.

Os emburramentos, as irritações e as lágrimas de uma infância comum não eram para ela.

Até mesmo a sua família sabia que Adara era diferente. Seu pai era um homem imenso e brusco como um urso, e não era de muitos amigos. Mas um sorriso sempre lhe surgia no rosto quando Geoff o importunava com perguntas, e ele era cheio de abraços e gargalhadas para Teri, a irmã mais velha de Adara, que era loira, sardenta e flertava descaradamente com todos os garotos da redondeza. De vez em quando ele também abraçava Adara, mas somente durante os longos invernos. Porém, nessas ocasiões não havia sorrisos. Ele apenas passava os braços ao redor dela e apertava o pequeno corpo contra o seu com toda sua força, soluçava profundamente e lágrimas grandes e molhadas escorriam por suas bochechas vermelhas. O pai nunca a abraçava durante os verões. Durante os verões ele estava ocupado demais.

Todos ficavam ocupados durante o verão, exceto Adara. Geoff trabalhava com o pai nos campos e fazia perguntas intermináveis sobre isso e aquilo, aprendendo tudo o que um fazendeiro tinha de saber. Quando não estava trabalhando, corria com os amigos até o rio, em busca de aventuras. Teri cuidava da casa e cozinhava, e de vez em quando trabalhava na estalagem da encruzilhada durante a estação

movimentada. A filha do estalajadeiro era sua amiga e o filho mais novo dele era mais do que um amigo, e Teri sempre voltava dando risinhos e cheia de fofocas e notícias de viajantes, soldados e mensageiros do rei.

Para Teri e Geoff, os verões eram a melhor época do ano e ambos ficavam ocupados demais para Adara.

O pai deles era o mais ocupado de todos. Mil coisas precisavam ser feitas todos os dias. Ele as fazia, e encontrava outras mil. Ele trabalhava do amanhecer ao anoitecer. Seus músculos ficavam rígidos e definidos no verão, e ele exalava um forte cheiro de suor quando voltava dos campos todas as noites, mas sempre voltava sorrindo. Após o jantar, sentava-se com Geoff, contava-lhe histórias e respondia às suas perguntas, ou ensinava a Teri coisas que ela não sabia sobre cozinhar, ou ia até a estalagem. Ele era um verdadeiro homem do verão.

O pai jamais bebia durante o verão, exceto por uma taça de vinho de vez em quando para celebrar as visitas de seu irmão.

Esse era outro motivo pelo qual Teri e Geoff adoravam o verão, quando o mundo ficava verde, quente e fervilhando de vida. Era apenas no verão que Tio Hal, o irmão mais novo de seu pai, vinha visitá-los. Hal era um cavaleiro de dragão a serviço do rei, era um homem alto e esguio com feição nobre.



Dragões não suportam o frio. Então, quando o inverno chegava, Hal e sua ala voavam para o sul. Mas ele retornava a cada verão, brilhante no uniforme verde e dourado do rei, a caminho dos campos de batalha ao norte e a oeste de onde Adara e sua família viviam. A guerra vinha sendo travada durante toda a vida de Adara.

Hal sempre trazia presentes quando chegava do sul: brinquedos da cidade do rei, joias de cristal e de ouro, doces e sempre uma garrafa de algum vinho caro que dividia com o irmão. Ele sorria para Teri,

fazendo-a corar com seus elogios, e entretinha Geoff com histórias de guerra, castelos e dragões. Quanto a Adara, Hal costumava tentar ganhar um sorriso dela com presentes, gracejos e abraços. Eram raras as vezes que tinha sucesso.

Apesar da boa índole do tio, Adara não gostava de Hal. Quando ele estava lá, significava que o inverno estava distante.

Além disso, houve uma noite, quando ela tinha apenas quatro anos, em que pensaram que Adara estava dormindo e ela os ouviu conversando enquanto bebiam vinho.

— Uma coisinha séria — disse Hal. — Você precisa ser mais gentil com ela, John. Não pode pôr a culpa nela pelo que aconteceu.

— Não posso? — respondeu o pai, a voz arrastada por causa do vinho. — Não, acho que não. Mas é difícil. Ela se parece com Beth, mas não possui nem um pouco do calor dela. O inverno está nela, você sabe. Sempre que a toco sinto o frio e me lembro que foi por ela que Beth teve de morrer.

— Você a trata com frieza. Não a ama como ama os outros.

Adara se lembrava do modo como o pai riu naquele momento.

— Amá-la? Ah, Hal. Eu a amo mais do que tudo, minha filhinha do inverno. Mas ela nunca retribuiu esse amor. Não há nada nela para mim, ou para você, ou para qualquer um de nós. É uma garotinha tão fria. — E então ele começou a chorar, mesmo sendo verão e Hal estando ali ao seu lado. Adara escutou tudo de sua cama e desejou que Hal voasse embora. Ela não entendia bem tudo o que escutara, não naquela época, mas se lembrou mais tarde e, então, compreendeu.

Adara não chorou. Não chorou aos quatro anos, quando ouviu aquilo, ou aos seis, quando finalmente compreendeu. Hal partiu alguns dias depois, e Geoff e Teri acenaram animados para ele quando sua ala

passou por eles lá no alto, trinta grandes dragões em formação orgulhosa contra o céu de verão. Adara observou a cena com as mãozinhas abaixadas ao lado do corpo.





GEORGE R.R.
MARTIN

CAPÍTULO DOIS

SEGREDOS
NA NEVE



OS SORRISOS de Adara eram de uma reserva secreta, e ela os gastava apenas no inverno. Mal podia esperar que seu aniversário chegasse, e, com ele, o frio. Pois no inverno ela era uma criança especial.

Ela soube disso desde muito pequena, ao brincar com outras crianças na neve. O frio nunca a incomodou do modo como incomodava Geoff, Teri e seus amigos. Adara com frequência ficava sozinha fora de casa por horas depois que os outros haviam fugido à procura de calor ou corrido até a casa da Velha Laura para tomar a sopa quente de legumes que ela gostava de preparar para as crianças. Adara encontrava um lugar secreto no canto mais afastado dos campos, um lugar diferente a cada inverno, e lá construía um castelo alto e branco, alisando a neve com as mãozinhas sem luvas, moldando-a em torres e ameias, como aquelas no castelo do rei na cidade, sobre as quais Hal costumava falar. A garota quebrava pingentes de gelo dos galhos mais baixos das árvores e os usava como coruchéus, espigões e guaritas, enfileirando-os por toda a volta do castelo. E, geralmente, no meio do inverno, ocorria um degelo breve e um congelamento repentino, fazendo com que, da noite para o dia, o seu castelo de neve se transformasse em gelo, tão duro e resistente quanto ela imaginava que eram os castelos de verdade. Durante todos os

invernos a garota construía os seus castelos, e ninguém jamais descobriu o que ela fazia. Porém, a primavera sempre chegava, assim como um degelo que não era seguido de um congelamento; então todos os parapeitos e muralhas derretiam, e Adara começava a contar de novo os dias até o seu aniversário.

Seus castelos de inverno raramente ficavam vazios. Com a primeira geada do ano, os lagartos de gelo saíam serpenteando das tocas e os campos ficavam tomados pelas criaturinhas azuis, correndo de um lado para o outro, parecendo mal tocar a neve ao deslizarem por ela. Todas as crianças brincavam com os lagartos de gelo. Mas as outras eram desajeitadas e cruéis, e partiam os frágeis animaizinhos em dois, quebrando-os entre os dedos da mesma forma que quebravam um pingente de gelo que pendia de um telhado. Até mesmo Geoff, que era bondoso demais para fazer algo assim, às vezes ficava curioso e segurava os lagartos por tempo demais em suas tentativas de examiná-los, e o calor de suas mãos fazia com que derretessem, queimassem e, por fim, morressem.

As mãos de Adara eram frias e gentis, e ela podia segurar os lagartos o quanto quisesse sem machucá-los, o que sempre deixava Geoff fazendo beicinho e perguntas irritadas. Às vezes a garota deitava na neve fria e úmida e deixava os lagartos andarem sobre ela, deleitando-se com o toque suave dos pés dos animaizinhos enquanto deslizavam por seu rosto. Às vezes ela escondia os lagartos de gelo nos cabelos enquanto ia fazer suas tarefas, embora tivesse cuidado de nunca levá-los para dentro de casa, onde o calor do fogo os mataria. Adara sempre reunia os restos de comida da refeição da família e levava-os até o lugar secreto onde seu castelo estava sendo construído, espalhando-os por lá. Assim, os castelos que ela erguia estavam repletos de reis e cortesãos todo o inverno; criaturinhas peludas que vinham da floresta, pássaros inverniais com plumagem branca e centenas e mais centenas de lagartos de gelo que se contorciam e se debatiam, frios, ligeiros e gordos. Adara gostava mais dos lagartos de gelo do que de qualquer um dos animais que a família já tivera ao longo dos anos.



Porém, era o dragão de gelo que ela amava.

Não sabia quando o vira pela primeira vez. Para ela, era como se ele sempre tivesse feito parte de sua vida, uma visão que ocorria no auge do inverno, cortando o céu gélido com asas serenas e azuis. Dragões de gelo eram raros, mesmo naquela época, e sempre que um era avistado todas as crianças apontavam e ficavam espantadas, enquanto os mais velhos murmuravam e sacudiam a cabeça. Quando dragões de gelo apareciam sobre a face da Terra, era sinal de um inverno longo e severo. Um dragão de

gelo fora avistado voando contra a lua na noite em que Adara nascera, diziam as pessoas, e fora visto a cada inverno desde então. Esses invernos foram realmente muito intensos, e a primavera chegava cada vez mais tarde todos os anos. Assim, as pessoas acendiam fogueiras, rezavam e esperavam manter o dragão de gelo afastado, e o medo tomava conta de Adara.



Contudo, isso nunca funcionava. O dragão de gelo retornava todos os anos. Adara sabia que ele vinha por ela.

O dragão de gelo era grande, quase duas vezes maior do que os escamosos dragões de guerra verdes que Hal e seus companheiros montavam. Adara ouvira lendas sobre dragões selvagens maiores do que montanhas, mas jamais havia visto algum. O dragão de Hal era grande o bastante, sem dúvida cinco vezes o tamanho de um cavalo, mas era pequeno comparado ao dragão de gelo, além de feio.

O dragão de gelo era de um branco cristalino, daquele tom de branco tão intenso e frio que era quase azul. Era coberto de geada, de modo que, quando se movia, sua pele se partia e crepitava, tal como a crosta de neve crepita sob as botas de um homem, e flocos de geada se soltavam.

Seus olhos eram claros, profundos e gélidos.

Suas asas eram imensas, como as de morcegos, e de um azul-claro translúcido. Adara podia ver as nuvens através delas, e muitas vezes a lua e as estrelas, quando o dragão voava pelos céus em círculos congelados. Seus dentes eram pingentes de gelo, dispostos em uma fileira tripla, lanças serrilhadas de comprimento desigual, brancos contra a mandíbula azul-escura.

Quando o dragão de gelo batia as asas, os ventos frios sopravam e a neve rodopiava e precipitava-se, e o mundo parecia encolher e estremecer. Às vezes, quando uma porta se abria no frio do inverno, empurrada por uma lufada de vento, o dono da casa corria para trancá-la e dizia:

— Há um dragão de gelo voando por perto.

E quando o dragão de gelo abria a bocarra e exalava, não era fogo que saía, o fedor sulfuroso e ardente de dragões menores. O sopro do dragão de gelo era frio.

Gelo se formava quando ele soprava. O calor desaparecia. Fogueiras bruxuleavam e apagavam-se, abafadas pelo frio. Árvores eram congeladas até suas almas brandas e secretas, e seus galhos tornavam-se frágeis e quebravam sob o próprio peso. Animais azulavam, lamuriavam-se e morriam, de olhos esbugalhados e com a pele coberta de geada.

O dragão de gelo soprava a morte no mundo. Morte, quietude e frio. Mas Adara não tinha medo. Ela era uma criança do inverno, e o dragão de gelo era o seu segredo.

Ela o vira no céu milhares de vezes. E quando tinha quatro anos, ela o viu no solo.

Adara estava construindo seu castelo de neve e o dragão apareceu, pousando perto dela, na vastidão dos campos cobertos de neve. Todos os lagartos de gelo fugiram. Adara simplesmente ficou no mesmo lugar. O dragão de gelo olhou para ela por dez longas batidas de coração, antes de tornar a levantar voo.

O vento uivou ao redor da garota enquanto o dragão batia as asas para se elevar, mas Adara sentiu-se estranhamente radiante.



Ele regressou mais tarde naquele inverno, e Adara o tocou. A pele do dragão era muito fria. A garota tirou as luvas mesmo assim. Não seria correto de outro modo. Ela tinha um pouco de receio de que o dragão queimasse e derretesse ao seu toque, mas isso não aconteceu. De alguma forma, Adara sabia que o dragão de gelo era muito mais sensível ao calor, até mesmo mais sensível que os lagartos de gelo. Mas ela era especial, a criança do inverno, fria. Ela o acariciou e, por fim, deu um beijo em sua asa, fazendo seus lábios doerem. Era o inverno do seu quarto aniversário, o ano em que ela tocou o dragão de gelo.





GEORGE R.R.
MARTIN

CAPÍTULO TRÊS

O FRIO
CRESCENTE

O INVERNO do seu quinto aniversário foi o ano em que ela cavalgou o dragão de gelo pela primeira vez.



A criatura mais uma vez encontrou Adara trabalhando em um castelo diferente, em um lugar diferente nos campos, sozinha como sempre. A garota o observou chegar, correu até o dragão quando ele pousou e o abraçou com força. Aquele havia sido o verão em que ela ouviu seu pai conversando com Hal.

Eles permaneceram juntos por longos minutos até que, por fim, lembrando-se de Hal, Adara esticou a mãozinha e deu um puxão na asa do dragão. O dragão bateu suas grandes asas uma vez e estendeu-as contra a neve, e Adara subiu correndo para passar os braços ao redor do pescoço branco e frio da criatura.

Juntos, pela primeira vez, eles voaram.

Ela não tinha arreios ou um chicote, como os cavaleiros de dragões do rei usavam. De vez em quando, o bater das asas ameaçava fazê-la se soltar de onde estava se agarrando e a frieza da carne do dragão infiltrava-se em suas roupas, machucava e deixava dormente sua carne infantil. Mas Adara não

tinha medo.

Sobrevoaram a fazenda de seu pai, e ela avistou Geoff bem pequeno lá embaixo, sobressaltado e com medo, e soube que o garoto não podia vê-la. Isso a fez dar uma gargalhada gélida e tilintante, uma gargalhada tão nítida e fresca quanto o ar de inverno.

Sobrevoaram a estalagem da encruzilhada, de onde várias pessoas saíram para vê-los passar.

Sobrevoaram a floresta, toda branca, verde e silenciosa.

Voaram alto no céu, tão alto que Adara não conseguia sequer ver o chão lá embaixo, e ela pensou ter vislumbrado outro dragão de gelo bem ao longe, mas ele não era tão grande quanto o seu.

Voaram a maior parte do dia, e, finalmente, o dragão descreveu um grande círculo no céu e desceu em uma espiral, planando com suas asas rígidas e cintilantes. Ele deixou Adara no campo onde a encontrara, logo após o crepúsculo.

Seu pai a encontrou ali e chorou ao vê-la, abraçando-a com toda a força. Adara não compreendeu aquilo, nem por que recebeu uma surra dele ao chegarem em casa. Porém, quando ela e Geoff foram colocados na cama, ela o ouviu sair de sua cama e aproximar-se da dela na ponta dos pés.



— Você perdeu a coisa toda — disse ele. — Apareceu um dragão de gelo que assustou todo mundo.

O pai achou que ele tinha comido você.

Adara sorriu para si mesma na escuridão, mas nada disse.

A garota voou no dragão de gelo mais quatro vezes naquele inverno e em todos os invernos depois daquele. A cada ano ela voava mais e com maior frequência do que no ano anterior, e o dragão de gelo era visto mais seguidamente no céu acima de sua fazenda.

Cada inverno era mais longo e frio do que o anterior.

A cada ano o degelo ocorria mais tarde.

Às vezes, havia pedaços de terra, onde o dragão de gelo se deitara para descansar, que pareciam jamais degelar totalmente. Muito se falou na aldeia durante o sexto ano de Adara, e uma mensagem foi enviada ao rei. Jamais houve resposta.

— Dragões de gelo são um problema — disse Hal naquele verão, quando visitou a fazenda. — Não são como dragões de verdade, você sabe. Não se pode domá-los ou treiná-los. Há histórias sobre aqueles que tentaram e foram encontrados congelados com o chicote e os arreios nas mãos. Ouvi falar de pessoas que perderam mãos ou dedos só de tocar em um deles. Geladura. Sim, um problema.



— Então por que o rei não faz alguma coisa? — perguntou seu pai. — Mandamos uma mensagem. A não ser que matemos ou espantemos a fera, dentro de um ou dois anos não teremos mais uma estação de plantio.

Hal deu um sorriso sombrio.

— O rei tem outras preocupações. A guerra está indo mal, você sabe. Eles avançam a cada verão e possuem duas vezes mais cavaleiros de dragão do que nós. Estou lhe dizendo, John, a coisa está feia lá em cima. Algum ano não vou voltar. O rei dificilmente pode abrir mão de homens para irem atrás de um dragão de gelo. — Ele riu. — Além disso, não creio que alguém já tenha matado uma daquelas coisas. Talvez devêssemos simplesmente deixar que o inimigo capture esta província inteira. Então seria o dragão de gelo dele.

Mas ele não seria, pensou Adara enquanto escutava. Não importava que rei governasse a terra, aquele sempre seria o dragão de gelo dela.





GEORGE R.R.
MARTIN

CAPÍTULO QUATRO

FOGO NO
NORTE



HAL PARTIU, o verão ficou mais intenso e depois abrandou. Adara contava os dias até o seu aniversário. Hal apareceu mais uma vez antes da primeira friagem, levando seu dragão feio para o sul para passar o inverno.

Contudo, sua ala parecia menor quando surgiu voando sobre a floresta naquele outono. Sua visita foi mais breve do que de costume e terminou com uma briga ruidosa entre ele e o pai de Adara.

— Eles não vão se deslocar durante o inverno — disse Hal. — O terreno no inverno é traiçoeiro demais, e não arriscarão um avanço sem cavaleiros de dragão para lhes dar cobertura do alto. Mas com a chegada da primavera não seremos capazes de detê-los. O rei pode até não tentar fazer isso. Venda a fazenda agora, enquanto ainda pode conseguir um bom preço. Você pode comprar outro pedaço de terra no sul.

— Esta é a minha terra — disse o pai de Adara. — Nasci aqui. Você também, embora pareça ter se esquecido disso. Nossos pais estão enterrados aqui. E Beth também. Quero ser enterrado ao lado dela quando eu me for.

— Você irá mais cedo do que gostaria se não me ouvir — disse Hal, irritado. — Não seja estúpido, John. Eu sei o que a terra significa para você, mas ela não vale a sua vida. — Ele continuou insistindo, mas John não seria convencido. Terminaram a noite xingando um ao outro, e Hal partiu no meio da madrugada, batendo a porta às suas costas ao sair.



Adara, escutando a discussão, tomou uma decisão. Não importava o que seu pai faria ou deixaria de fazer. Ela ficaria. Se Adara se mudasse, o dragão de gelo não saberia onde encontrá-la quando o inverno

chegasse, e se ela fosse muito para o sul, o dragão jamais poderia ir atrás dela.

O dragão, no entanto, veio atrás de Adara, logo após o sétimo aniversário da garota. Aquele inverno foi o mais frio de todos. Ela voava com tanta frequência e para tão longe que mal tinha tempo para trabalhar em seu castelo de gelo.

Hal apareceu de novo na primavera. Havia apenas uma dúzia de dragões em sua ala e ele não trouxe presentes naquele ano. Ele e o pai de Adara discutiram mais uma vez. Hal gritou, implorou e ameaçou, mas John estava irredutível. Por fim, Hal partiu rumo aos campos de batalha.

Aquele foi o ano em que as fileiras do rei se romperam, lá no norte, perto de alguma cidade com um nome longo que Adara não conseguia pronunciar.

Teri foi a primeira a ouvir sobre isso. Certa noite, ela voltou da estalagem ruborizada e agitada.

— Apareceu um mensageiro a caminho para ver o rei — contou a eles. — O inimigo venceu alguma batalha grande e está indo pedir reforços. Disse que o nosso exército está recuando.

O pai deles franziu a testa, fazendo surgir rugas de preocupação.

— Ele disse alguma coisa sobre os cavaleiros de dragão do rei? — Com ou sem discussões, Hal era da família.

— Eu perguntei — disse Teri. — Ele disse que os cavaleiros de dragão são a retaguarda. A tarefa deles é atacar e queimar, atrasar o inimigo enquanto nosso exército bate em retirada em segurança. Oh, espero que Tio Hal esteja bem!



— Hal vai mostrar para eles — disse Geoff. — Ele e Sulfur vão queimar todos eles.

O pai deles sorriu.

— Hal sempre pôde cuidar de si mesmo. De qualquer forma, não há mais nada que nós possamos fazer. Teri, se aparecerem mais mensageiros, pergunte a eles como andam as coisas.



Ela assentiu, mas, mesmo preocupada, não conseguia disfarçar sua agitação. Era tudo muito emocionante.

Nas semanas seguintes, a emoção desapareceu à medida que as pessoas da região começaram a compreender a magnitude do desastre. A estrada do rei ficava cada vez mais movimentada, todo o tráfego seguia de norte a sul e todos os viajantes estavam vestidos de verde e dourado. Em princípio, os soldados marchavam em colunas disciplinadas, conduzidas por oficiais de elmos dourados, mas, mesmo assim, não eram lá muito instigantes. As colunas marchavam a um passo cansado, os uniformes estavam imundos e rasgados, e as espadas, piques e machados que os soldados carregavam estavam denteados e muitas vezes manchados. Alguns homens haviam perdido suas armas; mancavam às cegas, de mãos vazias. E as fileiras de feridos que vinham atrás das colunas geralmente eram mais longas do que as próprias colunas. Adara ficou parada na beira da estrada e observou enquanto eles passavam. Ela viu um homem sem olhos apoiando um homem com apenas uma perna, conforme os dois andavam juntos. Viu homens sem pernas, ou sem braços, ou sem ambos. Viu um homem com a cabeça aberta por um machado e muitos homens cobertos de sangue seco e sujeira, homens que gemiam baixo em suas gargantas enquanto caminhavam. Ela sentiu o mau cheiro de homens com corpos horrivelmente verdes e inchados. Um deles morreu e foi abandonado na beira da estrada. Adara contou ao pai, e ele e alguns dos homens da aldeia foram até o corpo para enterrá-lo.

O que Adara mais viu foram homens queimados. Havia dezenas deles em cada coluna que passava, homens cujas peles estavam enegrecidas, cauterizadas e caindo, que haviam perdido um braço, ou uma perna ou metade do rosto para o sopro quente de um dragão. Teri lhes contou o que os oficiais disseram quando pararam na estalagem para beber ou descansar: o inimigo tinha muitos, muitos dragões.



GEORGE R.R.
MARTIN

CAPÍTULO CINCO

CINZAS

DURANTE quase um mês as colunas passaram, mais delas a cada dia. Até mesmo a Velha Laura admitiu que jamais vira tanto movimento na estrada. De tempos em tempos um mensageiro solitário cavalgava contra a corrente, galopando para o norte, mas sempre sozinho. Depois de um período, todos souberam que não haveria reforços.





Um oficial em uma das últimas colunas aconselhou as pessoas da região a pegarem tudo o que pudessem carregar e mudarem-se para o sul.

— Eles estão vindo — advertiu ele. Alguns deram ouvidos a ele, e por uma semana a estrada, de fato, ficou repleta de refugiados das cidades mais ao norte. Alguns contavam histórias assustadoras. Quando partiram, mais moradores locais foram com eles.

Porém, a maioria ficou. Eram pessoas como o pai de Adara — a terra estava em seu sangue.

A última força organizada a descer a estrada foi uma tropa esfarrapada de cavalaria, homens magros como esqueletos montando cavalos com a pele colada em volta das costelas. Passaram a toda velocidade durante a noite, suas montarias ofegando e espumando, e o único a parar foi um jovem oficial pálido, que deteve seu cavalo por um momento e gritou:

— Vão, vão! Eles estão queimando tudo! — E então partiu atrás dos seus homens.

Os poucos soldados que vieram depois estavam sozinhos ou em pequenos grupos. Nem sempre usavam a estrada, e não pagavam pelas coisas que levavam.

E então ninguém mais passou a vir. A estrada ficou deserta.

O estalajadeiro dizia que podia sentir o cheiro das cinzas quando o vento soprava do norte. Ele pegou sua família e foi para o sul. Teri estava perturbada. Geoff estava de olhos arregalados, ansioso e só um pouquinho assustado. Ele fazia mil perguntas sobre o inimigo e praticava para ser um guerreiro. O pai deles continuou com suas tarefas, ocupado como sempre. Com ou sem guerra, ele tinha plantações no campo. No entanto, sorria menos do que de costume, começou a beber, Adara o via com frequência olhando para o céu enquanto trabalhava.

Adara vagava sozinha pelos campos, brincava sozinha no calor úmido do verão e tentava pensar onde se esconderia se o pai tentasse levá-los embora.

Os últimos a aparecerem foram os cavaleiros de dragão do rei, e com eles vinha Hal.

Havia apenas quatro deles. Adara avistou o primeiro e foi contar ao pai. E ele colocou uma mão no ombro da garota e juntos observaram-no passar, um solitário dragão verde com uma aparência vagamente extenuada. Não parou para eles.

Dois dias depois, surgiram três dragões que voavam juntos, e um deles separou-se dos outros e

desceu em círculos até a fazenda, enquanto os outros dois seguiam para o sul.

Tio Hal estava magro e taciturno, com um aspecto amarelento. Seu dragão parecia doente. Havia um corrimento em seus olhos e uma das asas havia sido parcialmente queimada, de modo que a criatura voava de um jeito desengonçado e pesado, com muita dificuldade.

— Agora você partirá? — perguntou Hal ao irmão, na frente de todas as crianças.

— Não. Nada mudou.



Hal praguejou.

— Eles estarão aqui em três dias. Seus cavaleiros de dragão podem estar aqui ainda antes.

— Pai, estou com medo — disse Teri.

Ele olhou para a filha, viu o medo dela, hesitou e, por fim, voltou-se para o irmão.

— Vou ficar. Mas se puder, gostaria que você levasse as crianças.

Agora foi a vez de Hal hesitar. Pensou por um momento e então sacudiu a cabeça.

— Não posso, John. Eu levaria de bom grado e com alegria, se fosse possível. Mas não é. Sulfur está ferido. Mal consegue me carregar. Se eu levasse algum peso extra, talvez jamais conseguiríamos ir em frente.

Teri começou a chorar.

— Sinto muito, querida — disse Hal a ela. — Sinto mesmo. — Ele cerrou os punhos, impotente.



— Teri já é quase adulta — disse o pai deles. — Se o peso dela é demais, então leve um dos outros dois.

Os irmãos se entreolharam, o desespero em seus olhos. Hal estremeceu.

— Adara — disse ele por fim. — Ela é pequena e leve. — Ele forçou uma risada. — Ela mal pesa alguma coisa. Levarei Adara. Vocês peguem cavalos, ou uma carroça, ou vão a pé. Mas precisam ir.

— Veremos — disse o pai, evasivo. — Leve Adara e a mantenha a salvo por nós.

— Sim — concordou Hal. Virou-se e sorriu para a garota. — Venha, criança. Tio Hal vai levá-la para um passeio no Sulfur.

Adara olhou muito seriamente para ele.

— Não — disse ela. Virou-se, saiu pela porta e começou a correr.

Eles foram atrás dela, é claro — Hal, seu pai e até mesmo Geoff. Porém, seu pai perdeu tempo parado na porta, gritando a ela para que voltasse. Quando começou a correr, ele era pesado e desajeitado, enquanto Adara era realmente pequena e leve e tinha pés ligeiros. Hal e Geoff permaneceram no encalço dela por mais tempo, mas Hal estava fraco e Geoff logo perdeu o fôlego, embora tivesse disparado até chegar perto dela por alguns momentos. Quando Adara chegou ao campo de trigo mais próximo, os três já haviam ficado bem para trás. Ela logo desapareceu por entre o trigo e eles procuraram em vão durante horas, enquanto a garota seguia um caminho com cuidado em direção à floresta.

Ao cair do crepúsculo, eles trouxeram lanternas e tochas e continuaram a busca. De tempos em tempos ela ouvia seu pai praguejando ou Hal chamando o seu nome. Adara permaneceu no alto dos galhos do carvalho que havia escalado e sorriu para as luzes enquanto eles vasculhavam os campos de um lado para o outro. A garota por fim caiu no sono, sonhando com a chegada do inverno e perguntando-se como viveria até o seu aniversário. Ainda estava bem longe.





GEORGE R.R.
MARTIN

CAPÍTULO SEIS

FUGINDO
DO FOGO

O AMANHECER a despertou; o amanhecer e um barulho no céu.

Adara bocejou, piscou e ouviu de novo o barulho. Ela subiu até o galho mais alto da árvore, tão alto quanto podia aguentá-la, e afastou as folhas.



Havia dragões no céu.

Ela jamais havia visto feras como aquelas. Suas escamas eram escuras e cobertas de fuligem, não verdes como as do dragão que Hal montava. Um era cor de ferrugem, um do tom de sangue seco e outro era tão preto quanto carvão. Todos tinham olhos como brasas incandescentes, das narinas saía vapor, e as caudas se agitavam de um lado para o outro enquanto batiam as asas escuras e coriáceas no ar. O dragão cor de ferrugem abriu a boca e rugiu, e a floresta estremeceu ao seu desafio, e até mesmo o galho que sustentava Adara balançou um pouco. O dragão negro também fez um barulho e, quando abriu a boca, disparou um jato de chamas, todo laranja e azul, tocando nas árvores abaixo. Folhas murcharam e ficaram enegrecidas, e começou a subir fumaça dos lugares que o sopro do dragão havia atingido. O dragão cor

de sangue voava logo acima, suas asas estalando e se retesando, a boca meio aberta. Entre seus dentes amarelados Adara viu fuligem e cinzas, e o vento provocado por sua passagem era como fogo e lixa, áspero e irritante contra a pele da garota. Ela fez uma careta.



No dorso dos dragões estavam montados homens com chicotes e lanças, em uniformes negros e laranjas, os rostos ocultos atrás de elmos escuros. O cavaleiro do dragão cor de ferrugem gesticulou com a lança, apontando para as construções da fazenda do outro lado dos campos. Adara olhou.

Hal subia para ir de encontro a eles. Seu dragão verde era tão grande quanto os deles, mas, de algum modo, parecia pequeno a Adara enquanto ela o observava ascender da fazenda. Foi possível ver a gravidade dos ferimentos do dragão quando ele estendeu as asas completamente; a ponta da asa direita estava carbonizada, e a criatura se inclinava bastante para o lado ao voar. No dorso do dragão, Hal parecia um dos soldadinhos de brinquedo que ele trouxera para os sobrinhos como presente anos antes.

Os cavaleiros de dragão inimigos se separaram e avançaram sobre ele por três lados. Hal viu o que estavam fazendo. Tentou virar, jogar-se de frente contra o dragão negro e fugir dos outros dois. Agitava o

chicote com fúria e desespero. Seu dragão verde abriu a boca e rugiu um desafio, mas sua chama era pálida e curta e não alcançou o inimigo.

Os outros não cuspiram fogo de imediato. Então, a um sinal, todos os dragões sopraram como um só. Hal foi envolvido em chamas. Seu dragão soltou um uivo agudo de dor e Adara viu que o animal estava queimando, que o tio estava queimando — todos estavam queimando, fera e mestre. Tombaram com força no solo e ficaram fumegando em meio ao trigo do pai de Adara.

O ar estava repleto de cinzas.



Adara esticou o pescoço para a outra direção e viu uma coluna de fumaça se erguendo do outro lado da floresta e do rio. Aquela era a fazenda onde a Velha Laura vivia com os netos e bisnetos.

Quando voltou a olhar para o local da batalha, os três dragões escuros estavam voando em círculos cada vez mais baixos sobre a sua fazenda. Pousaram, um por um. Ela observou o primeiro dos cavaleiros desmontar e andar despreocupado até a porta.

A garota estava assustada e confusa, e só tinha sete anos, afinal de contas. O ar pesado do verão era

um fardo para ela, enchia-a de uma sensação de desamparo e aumentava todos os seus medos. Então Adara fez a única coisa que sabia, sem pensar, uma coisa que lhe vinha naturalmente. Ela desceu da árvore e correu. Correu pelos campos e pela floresta, para longe da fazenda, de sua família e dos dragões, para longe de tudo. Correu até suas pernas latejarem de dor, seguindo na direção do rio. Correu até o lugar mais frio que conhecia, até as cavernas profundas abaixo das ribanceiras do rio, para o abrigo gélido, a escuridão e a segurança.

E lá, no frio, ela se escondeu. Adara era uma criança do inverno, e o frio não a incomodava. Porém, enquanto se escondia, ela tremeu.

O dia se tornou noite e Adara não deixou a caverna.

Tentou dormir, mas seus sonhos estavam repletos de dragões incandescentes.

Encolheu-se deitada na escuridão e tentou contar quantos dias faltavam até o seu aniversário. As cavernas eram agradavelmente frescas; Adara podia quase imaginar que não era verão, que era inverno, ou perto do inverno. Logo seu dragão de gelo viria atrás dela e ela cavalgaria em seu dorso de volta à terra de sempre-inverno, onde grandes castelos de gelo e catedrais de neve permaneciam eternamente em campos brancos sem fim, e tudo o que havia era tranquilidade e silêncio.

Deitada ali, quase parecia inverno. A caverna parecia ficar cada vez mais fria. Adara sentia-se segura. Ela cochilou por um momento. Quando despertou, estava ainda mais frio. Uma camada gélida e branca cobria as paredes da caverna, e a garota estava sentada em um leito de gelo. Adara levantou-se de um pulo e olhou para a entrada da caverna, tomada pela luz pálida da alvorada. Um frio gelado lhe acariciou. Mas vinha do lado de fora, do mundo do verão, não das profundezas da caverna.

Ela deu um gritinho de alegria e subiu correndo as rochas cobertas de gelo.

Lá fora, o dragão de gelo estava a sua espera.

A criatura soprara sobre a água, e agora o rio estava congelado, ou pelo menos parte dele estava, embora fosse possível ver que o gelo derretia depressa à medida que o sol do verão se erguia. Soprara sobre a vegetação ao longo das margens, a relva tão alta quanto Adara, e agora as folhas estavam brancas e quebradiças. Quando o dragão de gelo moveu as asas, a relva se partiu ao meio e caiu, como se tivesse sido ceifada com uma foice.

Os olhos gélidos do dragão encontraram os de Adara, a garota correu até ele e o escalou pela asa, e então o envolveu com os braços. Ela sabia que tinha de se apressar. O dragão de gelo parecia menor do que ela jamais vira, e ela compreendeu o que o calor do verão estava lhe causando.

— Depressa, dragão — sussurrou ela. — Leve-me embora, leve-me para a terra de sempre-inverno. Nunca mais vamos voltar aqui, nunca. Vou construir para você o melhor castelo de todos, cuidarei de você e voarei com você todos os dias. Apenas leve-me embora, dragão, leve-me para casa com você.

O dragão de gelo ouviu e compreendeu. As vastas asas translúcidas foram desdobradas e começaram a bater, e ventos árticos e penetrantes uivaram através dos campos do verão. Eles alçaram voo. Para longe da caverna. Para longe do rio. Acima da floresta. Cada vez mais alto. O dragão de gelo virou-se para o norte. Adara viu de relance a fazenda do pai, mas era muito pequena e ficava cada vez menor. Deram as costas a ela e voaram.

Então um som chegou aos ouvidos de Adara. Um som impossível, um som que era baixo demais e que estava longe demais para que ela pudesse entender, ainda mais sobre as batidas das asas do dragão de gelo. Mas ela ouviu mesmo assim. Ouviu seu pai gritar.

Lágrimas quentes escorreram pelo rosto da garota, e, ao caírem no dorso do dragão de gelo, deixaram marcas de queimadura em meio à geada. De repente, o frio sob suas mãos começou a machucá-la e, ao

retirar uma delas, Adara viu a marca que sua mão fizera no pescoço do dragão. Ela estava com medo, mas continuou a se segurar.

— Dê a volta — sussurrou. — Oh, por favor, dragão. Leve-me de volta.

Ela não podia ver os olhos do dragão de gelo, mas sabia que aparência teriam. A criatura abriu a boca e expeliu uma coluna branco-azulada, um jato longo e frio que pairou no ar. Não fez barulho algum; dragões de gelo são silenciosos. Porém, em sua mente Adara ouviu a intensidade do pesar do dragão.

— Por favor — sussurrou ela de novo. — Ajude-me. — Sua voz era baixa e fraca.

O dragão de gelo deu a volta.





GEORGE R.R.
MARTIN

CAPÍTULO SETE

FÚRIA
FRÍA

OS TRÊS DRAGÕES escuros estavam do lado de fora do celeiro quando Adara retornou, deleitando-se com as carcaças queimadas e enegrecidas dos animais de seu pai. Um dos cavaleiros de dragão estava parado perto deles, apoiado na lança e cutucando o seu dragão de tempos em tempos.



Ele ergueu a cabeça quando uma rajada de vento frio surgiu cortando os campos, gritou algo e correu para o dragão negro. A fera arrancou um último pedaço de carne do cavalo do pai de Adara, engoliu-o e levantou voo, relutante. O cavaleiro estalou o chicote.

Adara viu a porta da casa da fazenda se escancarar. Os outros dois cavaleiros correram para fora até os seus dragões.

O dragão negro rugiu e cuspiu seu fogo na direção da garota. Adara sentiu o calor escaldante e o dragão de gelo estremeceu quando as chamas roçaram sua barriga. Então esticou o longo pescoço, fixou os terríveis olhos vazios no inimigo e abriu a mandíbula coberta de geadas. O sopro saiu do meio dos dentes gélidos, um sopro pálido e frio.

Tocou a asa esquerda do dragão negro como carvão abaixo deles, e a fera sombria soltou um grito agudo de dor. Quando tornou a bater as asas, a asa coberta de geadas se quebrou em duas. Dragão e cavaleiro começaram a cair.

O dragão de gelo soprou de novo.





Os inimigos estavam congelados e mortos antes de atingirem o solo.

O dragão cor de ferrugem estava voando na direção deles, assim como o dragão cor de sangue com seu cavaleiro de torso nu. Os ouvidos de Adara foram preenchidos com os rugidos furiosos das bestas, e ela pôde sentir o sopro quente deles à sua volta e ver o ar oscilar com o calor e sentir o fedor de enxofre.

Duas longas espadas de fogo se cruzaram em pleno ar, mas nenhuma tocou o dragão de gelo, embora ele tivesse se contraído com o calor e soltasse água como chuva sempre que batia as asas.

O dragão cor de sangue voou perto demais e o sopro do dragão de gelo atingiu o cavaleiro. Seu torso nu ficou azul diante dos olhos de Adara, e a umidade se condensou sobre ele por um momento, cobrindo-o com geada. O homem gritou, morreu e caiu da montaria, embora o arreio tenha ficado para trás, congelado no pescoço do dragão. O dragão de gelo se aproximou da outra fera, as asas gritando a canção secreta do inverno, e uma rajada de chamas chocou-se com uma de frio. O dragão de gelo estremeceu mais uma vez e se contorceu para longe, pingando. O outro dragão morreu.

Porém, o último cavaleiro estava atrás deles agora, o inimigo de armadura completa sobre o dragão cujas escamas eram do castanho da ferrugem. Adara gritou e nesse momento o fogo envolveu a asa do dragão de gelo. O fogo desapareceu de imediato, mas a asa desapareceu com ele, derretida, destruída.

A asa remanescente do dragão de gelo batia frenética para retardar a queda, mas a criatura veio ao chão com um estrondo terrível. Suas pernas se quebraram sob o corpo, e a asa se quebrou em dois lugares. O impacto da aterrissagem arremessou Adara de cima do dorso do dragão. Ela caiu na terra macia do campo, rolou e se levantou com esforço, machucada, mas inteira.

O dragão de gelo parecia muito pequeno agora, muito quebrado. O longo pescoço afundou cansado no solo, e a cabeça pousou entre o trigo.

O cavaleiro de dragão inimigo mergulhava rapidamente, berrando em triunfo. Os olhos do dragão ardiam. O homem brandiu a lança e gritou.

O dragão de gelo ergueu dolorosamente a cabeça mais uma vez e emitiu o único som que Adara já o ouviu emitir: um terrível grito agudo cheio de melancolia, como o som que o vento norte faz quando se move ao redor das torres e ameias do castelo branco que permanece vazio na terra de sempre-inverno.

Quando o grito se dissipou, o dragão de gelo enviou frio ao mundo pela última vez: uma longa torrente de frio branco-azulada e fumegante, cheia de neve e quietude, e o fim de todos os seres vivos do frio. O cavaleiro de dragão voou direto contra ela, ainda brandindo o chicote e a lança. Adara o viu desabar.

Então ela estava correndo para longe dos campos, de volta para casa e para sua família, correndo o mais rápido que podia, correndo, ofegando e chorando o tempo todo como uma criança de sete anos.

Adara não sabia o que fazer, mas encontrou Teri, cujas lágrimas a essa altura já haviam secado, e elas

soltaram Geoff, e então desamarraram o seu pai. Teri cuidou dele e limpou seus ferimentos. Quando ele abriu os olhos e viu Adara, sorriu. Ela o abraçou com muita força e chorou por ele.

À noite o pai disse que estava bem para viajar. Partiram abrigados pelas trevas e tomaram a estrada do rei para o sul.

A família de Adara não fez perguntas na ocasião, naquelas horas de escuridão e medo. Contudo, mais tarde, quando estavam a salvo no sul, surgiram perguntas intermináveis. Adara lhes respondeu da melhor forma que conseguiu. Porém, nenhum deles jamais acreditou nela, exceto Geoff, e ele deixou isso de lado quando ficou mais velho. Ela tinha apenas sete anos, afinal de contas, e não compreendia que dragões de gelo nunca são vistos no verão e não podem ser domados ou cavalgados.



Além disso, quando deixaram a casa aquela noite, não havia dragão de gelo para ser visto. Apenas os imensos corpos sombrios de três dragões de guerra e os corpos menores de três cavaleiros de dragões, vestidos de negro e laranja. E um lago que nunca estivera lá antes, um lago pequeno e calmo, cuja água era muito gelada. Deram a volta nele com cuidado, indo na direção da estrada.





GEORGE R.R.
MARTIN

CAPÍTULO OITO

PRIMAVERA

O PAI de Adara trabalhou para outro fazendeiro durante três anos no sul. Poupava o que podia, e parecia feliz.

— Hal se foi, assim como a minha terra — dizia a Adara —, e fico triste por isso. Mas está tudo bem. Tenho minha filha de volta. — Pois o inverno a deixara agora, e a garota sorria e gargalhava e até chorava como as outras garotinhas.





Três anos depois que haviam fugido, o exército do rei derrotou o inimigo em uma grande batalha em que os dragões do rei incendiaram a capital estrangeira. Na paz que se seguiu, as províncias do norte mais uma vez trocaram de governante. Teri recuperara o ânimo e se casara com um jovem mercador, permanecendo no sul. Geoff e Adara voltaram com o pai para a fazenda.



Quando chegou a primeira geada, todos os lagartos de gelo apareceram, como sempre tinham feito.

Adara os observou com um sorriso no rosto, lembrando-se de como as coisas haviam sido. Mas não tentou tocá-los. Eram coisinhas frias e frágeis, e o calor de suas mãos iria machucá-los.





— O AUTOR —

GEORGE R. R. MARTIN é o autor internacional best-seller da aclamada série *As Crônicas de Gelo e Fogo*. Martin ganhou múltiplos prêmios de ficção científica, incluindo quatro Hugos, dois Nebulas, o Bram Stoker Award, o Locus Award, o World Fantasy Award, o Daedalus Award, o Balrog Award e o Daikon (o Hugo japonês). Martin, que atualmente mora em Santa Fé, Novo México, é um ávido entusiasta de História, um dedicado colecionador de miniaturas de cavaleiros e um sério fã de futebol americano.



— O ILUSTRADOR —

LUIS ROYO é um artista espanhol conhecido por suas exuberantes ilustrações de fantasia. Tem suas coletâneas de arte publicadas em mais de trinta livros, além de já ter tido sua obra exposta em grandes exposições em Barcelona, Madri, Milão, Nova York e São Peterburgo. Conheça mais sobre o artista no site www.luisroyo.com (em inglês).



George R. R. Martin,
o autor da série *As Crônicas
de Gelo e Fogo*, um dos maiores
fenômenos editoriais dos últimos tempos,
apresenta-nos, neste livro, dois personagens
que irão comover leitores de todas as idades.

Adara é filha do inverno, do gelo, do silêncio. *Oh, mãe
de Adara...* Quando a menina nasceu, o frio lancinante que
se abateu sobre as Terras do Norte deixou marcas profundas,
que jamais foram esquecidas por aqueles que lá viviam.

Adara, como ninguém mais, contava os dias para o inverno.
A gélida estação era o anúncio da chegada de seu melhor amigo,
o misterioso e temido dragão de gelo. Era quando a menina
podia sair do seu silêncio; quando o frio da pele de Adara
encontrava o frio irmão da pele do mais temido dragão.

Agora a vida dos dois amigos está em jogo.
O futuro dessa amizade será colocado à prova.

Adara e seu dragão.

Este é um livro sobre a força,
o poder e a beleza da amizade.

Nasce um clássico.



www.estradoslivros.org

Acreditamos que toda forma de cultura tem o seu valor

Use este arquivo somente como amostra e retire de seu dispositivo em até 24 hrs

Recomendamos que se possível, adquirir a obra do autor ou editora

